

## JOÃO DO RIO

Danilo Gomes

### 1. Renovador da imprensa

O centenário de nascimento de João do Rio, em 1981, não passou em brancas nuvens. Plínio Doyle, Diretor da Biblioteca Nacional, fez realizar uma bela exposição sobre a vida e obra do escritor. E muitos jornais e revistas abriram colunas e até páginas inteiras ao tema.

Mesmo assim, João do Rio continua esquecido. Vamos lembrar alguns aspectos de sua vida agitada.

Nasceu João do Rio a 5 de agosto de 1881. Nome verdadeiro, de batismo: João Paulo Alberto Coelho Barreto, que alguns dicionários biográficos erroneamente registram como João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto. Foi com o pseudônimo de João do Rio que Paulo Barreto se projetou, se tornou famoso, amado, invejado, odiado, bajulado, agredido. Como João do Rio transformou-se num dos mais célebres escritores de sua época, em nosso país e Portugal.

Aos 17 anos ingressava no jornalismo. Entre 1898 e 1899, na «Cidade do Rio», o combativo jornal de José do Patrocínio (o Tigre da Abolição), publicava, sob o pseudônimo de Claude, artigos que fizeram rumor, «pela truculência e o desasombro com que neles eram hostilizadas muitas figuras de relevo», informa Brito Broca, o atilado historiador do nosso 1.900 literário.

Surgia o jornalista destemido, que se notabilizaria por um «estilo vivo, ágil, trepidante, num processo novo de apresentar a informação», informa o saudoso Luís Martins, o autor de «João do Rio — Uma Antologia». Tornaram-se empolgantes suas repor-

tagens na «Gazeta de Notícias», depois transformadas em livros de grande sucesso à época, como «As Religiões no Rio» e «Momento Literário», este, de entrevistas com escritores, uma novidade então, na imprensa brasileira.

Após trabalhar em «O País» e no «Rio-Jornal», fundou «A Pátria», que dirigiu até à noite de 23 de junho de 1921, quando, estafado pelo trabalho, obeso e injuriado por um bando de invejosos, que transformaram sua vida no calvário testemunhado por Gilberto Amado, morreu subitamente, no interior de um táxi. O coração doente lhe deu apenas tempo de pedir ao motorista um copo de água.

Além de renovador da reportagem, João do Rio foi também contista, romancista, teatrólogo e conferencista. Mas foi na crônica que melhor se realizou como artista da palavra. Sua ficção tem caráter urbano e psicológico. De suas viagens a Portugal resultaram dois livros. Em 1910, aos 29 anos, sucedeu a Guimarães Passos na Academia Brasileira de Letras, onde teria como sucessor Constâncio Alves.

Segundo Luís Martins, João do Rio dinamizou todo um período da vida carioca, revolucionou os processos de se fazer imprensa no Brasil, introduziu nas redações a reportagem moderna, interessada nos aspectos sociais e humanos da vida urbana, e, ainda, criou um novo tipo de crônica, diferente do realizado, por exemplo, por Machado de Assis e Olavo Bilac.

Ribeiro Couto, o poeta e diplomata que sucedeu a Constâncio Alves na Academia, afirmou que João do Rio sabia escutar os mistérios da noite e a «imensa queixa dos infelizes». É ainda de Ribeiro Couto a correta observação de que Paulo Barreto «viveu na rua carioca e morreu na rua carioca». Poucos amaram tanto o Rio de Janeiro.

## 2. Não foi apenas o dandy que diziam

A queixa dos infelizes... sim, ele as ouvia e delas se apiedava. Ele não foi apenas o dandy que, de casaca, freqüentava as ricas festas ou flanava elegantemente pela Rua do Ouvidor, parando nas redações e confeitarias para um dedo de prosa com os amigos. Tinha sensibilidade para o sofrimento das classes desfa-

vorecidas ou de baixa renda — ou nenhuma renda. Nos seus livros mais sérios condenou a injustiça social e apontou a miséria dos anônimos que vagavam pelas ruas. Apoiou as primeiras manifestações do movimento feminista no Brasil, reclamou a reforma do nosso sistema penitenciário, combateu a exploração dos menores pela falsa mendicância profissional.

Foi uma figura singular de apreciador das altas rodas e de cidadão que confraternizava com os humildes, os seresteiros dos morros, a gente do povo. Uma de suas crônicas mais saborosas, «Um Mendigo Original», recolhida ao seu livro «Vida Vertiginosa», começa assim: «Morreu transanteontem, às 7 da tarde, de uma congestão, o meu particular amigo, o mendigo Justino Antônio».

A nascente cidade de Belo Horizonte, que ele visitou, ganhou a bela crônica intitulada «No Miradouro dos Céus»; e a crônica «Hora de Futebol», de 1916, é um vivo quadro da inauguração do antigo campo do Clube de Regatas Flamengo, à Rua Paissandu.

### 3. O «admirável cronista do cotidiano»

Uma antologia brasileira de humor negro não pode deixar de incluir o excitante conto chamado «O Bebê de Tarlatana Rosa», obra-prima no gênero.

«Vida Vertiginosa» é o título de um de seus livros. E foi assim a sua vida: vertiginosa, agitada, tumultuada, sofrida, gloriosa, reflexo de um Rio que se transformava e crescia, com a abertura da Avenida Central (hoje Rio Branco) e de outras artérias imensas para a época; de um Rio que vivia a nossa **belle époque**, passando de cidade semicolonial à categoria de autêntica metrópole. Não foi sem razão que R. Magalhães Júnior deu ao seu magnífico livro o título de «A Vida Vertiginosa de João do Rio».

São de Luiz Martins estas justas palavras, no livro já citado:

«O Rio era a sua matéria, o seu cenário, o seu assunto permanente, o seu mundo literário. No conjunto, a obra de João do Rio constitui o mais minucioso, vivo e válido dos retratos de uma época, através dos múltiplos aspectos da vida carioca, nas duas primeiras décadas do século XX. (...) No Rio do seu tempo, viu tudo, observou tudo, tudo anotou e comentou, com simpatia, ternura, curiosidade, ironia, às vezes com indignação. (...) No jornal

fez tudo: desde o artigo de fundo à reportagem de polícia, do registro literário à crônica mundana. Mas o que ele foi sobretudo, com vigor, com graça, com vivacidade, com senso do pitoresco, com originalidade e com talento, foi o comentarista do dia-a-dia, o admirável cronista do cotidiano».

Ele forma com Lima Barreto, cada qual a seu modo e com o seu estilo e **pathos** próprios, a dupla notável de toda uma época da vida carioca em rápida transformação.

Foi João do Rio o autor do livro «A Alma Encantadora das Ruas», das ruas cariocas que ele palmilhou como boêmio e como repórter.

#### 4. Um perfeito retrato

O escritor Elísio de Carvalho deixou-nos um perfeito retrato psicológico do nosso autor. Para ele, João do Rio foi «o artista bizarro, atormentado e cintilante, admirável como Jean Lorrain e paradoxal como Oscar Wilde, seus mestres — voluptuoso, requintado, perturbante e decadente, nostálgico como um lírico e impulsivo como um bárbaro, ao mesmo tempo místico como Verlaine e pagão como D'Annunzio, a imaginação fulgurante ávida sempre das sensações do raro e do imprevisto, que se tornou o historiógrafo estranho da alma encantadora das ruas, o melancólico analista da escola dos vícios, o psicólogo sutil, e às vezes cruel, das religiões, das crenças e dos cultos, o cronista elegante, e o mais singular, das luxúrias, das perversões, das vesânicas, das sensualidades, das bizarras inconfessáveis e das grotescas vaidades da nossa gente». (**Apud** Neves-Manta).

O Prof. Neves-Manta estudou Paulo Barreto sob o ângulo da psiquiatria, em seu livro «A Arte e a Neurose de João do Rio» (em 3ª edição no ano de 1947, Rio, Pongetti), a merecer reedição.

E nas Considerações Finais (p. 75) de seu livro «Morte e Prazer em João do Rio» (inicialmente dissertação de Mestrado na PUC do Rio), Carmen Lúcia Tindó Secco diz acreditar «que seria interessante qualquer pesquisa que procurasse verificar as correntes de pensamento que influenciaram a obra de João do Rio, assim como as idéias políticas e sociais que estão subentendidas em

seu discurso». (O livro da Profª. Carmen Lúcia foi editado pela Francisco Alves em 1978 e tem 81 páginas).

### 5. Com Isadora Duncan, «a musa do século»

Embora sofrendo com a ironia debochada e repugnante de Humberto de Campos, com os impiedosos ataques do panfletário Antônio Torres, com a inveja e a maledicência de outros, ia João do Rio carregando a sua cruz (teria também ele seu calvário e seus porres, como de Lima Barreto afirmou João Antônio). Por 10 anos trabalhou na «Gazeta de Notícias», onde, como cronista especialmente, deixaria páginas importantes para os historiadores e sociólogos do futuro, e que foram recolhidas em livros de sucesso.

E o escritor nascido no Largo da Carioca, tradutor de Oscar Wilde, vem a conhecer a célebre Isadora Duncan, em pessoa, no tope da fama. Seria um refrigério, essa amizade puxada ao namoro, para as suas agonias de homem sensível, incapaz de luta aberta com seus virulentos desafetos.

Um aspecto pouco destacado na vida de João do Rio diz respeito precisamente ao seu relacionamento com a famosa dançarina norte-americana Isadora Duncan, que esteve no Brasil em 1916, após apresentar-se na Argentina e Uruguai. Por ela se apaixonaria Oswald de Andrade. No Rio, João do Rio e a chamada «musa do século» tiveram o que poderíamos batizar de namoro — ou, se se preferir, um caso.

Isadora, nascida em San Francisco, Estados Unidos, em 1878, foi uma bela mulher. No cinema, personificou-a a magnífica Vanessa Redgrave. Isadora era uma mulher livre, filha da Natureza, em cujos ritmos se inspirou para criar a sua dança de um novo estilo, também liberta das restrições técnicas artificiais de origem clássica, ortodoxa. É considerada a criadora da dança interpretativa, baseada nos antigos bailados gregos que se vêem nas frisas e nos baixo-relevos.

Deixou Isadora um livro extraordinário, de leitura cativante, absorvente, «Minha Vida», concluído poucos meses antes de sua trágica morte, ocorrida em Nice, em 1927. Isadora saíra a passeio num carro de corrida, quando a *écharpe* que lhe cingia o pescoço,

esvoaçando ao vento, enroscou-se numa das rodas traseiras e a estrangulou violentamente. O corpo foi arrancado do carro e projetado sobre a calçada.

Mas voltemos aos encontros românticos entre os dois panteístas, os dois estetas, que naturalmente se atraíram. Em seu livro «Pequenas Histórias Verdadeiras do Rio Antigo» (Edições de Ouro, 1965), Carlos Maul escreve: «João do Rio mereceu as simpatias afetivas de Isadora. Num hotel da Rua D. Luísa — hoje Cândido Mendes —, perto da estação dos bondes de Santa Teresa no Curvelo, estava ela hospedada, e ali se encontravam os dois. Não faziam segredo de seus colóquios, e às vezes visitavam os sítios pitorescos da metrópole. Corria a versão de que Isadora dançara, quase nua, próximo das furnas da Tijuca, para encanto do escritor que traduzira a «Salomé», de Oscar Wilde. Não confiro nem nego a versão. Admito-a possível. Tanto um como outra seriam capazes de promover um quadro desse gênero dentro da natureza. Aliás, a própria Isadora deixa entrever nas suas «Memórias» que João do Rio foi para ela algo mais do que um admirador entusiasta de sua arte...»

O fato nada tem de estranho para quem leu as confissões da grande artista, que, com sua túnica transparente (daí a expressão **quase nua**), costumava dançar, nos intervalos dos grandes espetáculos que deu nos melhores teatros do mundo, para os amigos mais íntimos. Ela dançou assim para o escultor Rodin um idílio de Teócrito. Como uma ninfa, assim dançou para poetas e outros artistas seus amigos ou amantes, às vezes nas florestas, outras vezes diante do mar, ou em Florença, diante da **Primavera** de Botticelli.

Essa musa trágica, por quem Gabriel D'Annunzio e tantos outros se apaixonaram, que perdeu dois filhos, mortos por afogamento ainda crianças, que viveu sonhando com uma modelar escola de dança, e que levou uma vida das mais tumultuosas, não poderia ter deixado de entusiasmar-se pelo espírito de João do Rio, que com razão a cortejou durante sua temporada carioca. Nas suas recordações, evocando sua passagem pela então Capital Federal, em cujo Teatro Municipal tornou pública sua arte, ela se refere ao nosso escritor: «Aí conheci o poeta João do Rio,

muito querido da mocidade do Rio, onde, aliás, todos parecem ser poetas. Quando passeávamos juntos, éramos seguidos pela rapaziada, que gritava: «Viva Isadora! Viva João do Rio!» (Pág. 272 da tradução brasileira de Gastão Cruls para a Editora José Olympio, 1969, 8ª ed.).

Em cartão que lhe dirigi, aplaudindo sua crônica notável sobre João do Rio, falei ao poeta Carlos Drummond de Andrade sobre o romance famoso entre o cronista e a musa. A certo passo da resposta que teve a bondade de mandar-me, o nosso grande poeta escreve: «Sobre as relações dele com Isadora Duncan, há o depoimento de Gilberto Amado, em *Mocidade no Rio*, págs. 61 e 62. Talvez um tanto fantasista, a começar pelos ruídos excessivos da floresta da Tijuca à noite, mas em todo caso produzido por alguém que esteve presente à cena. Já ouvi falar desse bailado nu, nas areias de Ipanema. Parece, entretanto, que a coisa se passou mesmo na Cascatinha, mas em termos: sem bailarina pelada. Você, escarafunchador emérito das coisas do Rio antigo, poderá aprofundar a pesquisa nos jornais da época. R. Magalhães Jr. e Oswald de Andrade nada contam a respeito; o primeiro limita-se a transcrever Gilberto Amado».

Tratávamos especificamente da tal dança panteísta, noturnal, nos altos da Tijuca. (E, antes que me esqueça, esse emérito que o grande poeta me pespegou aí em cima, no cartão, é puro exagero de sua bondade infinita...).

Não pude ainda trabalhar com os jornais da época (1916); por isso, fiquemos por ora no depoimento de Gilberto Amado, grande amigo do autor de «A Alma Encantadora das Ruas», o boêmio, repórter e homem de letras Paulo Barreto, o popular João do Rio.

Gilberto Amado conta: uma vez ceiou com Isadora Duncan e João do Rio, na casa-biblioteca que este possuía à Avenida Gomes Freire. A ceia fôra trazida do Restaurante Sul América. Isadora usava «uma túnica levíssima, escarlata, debaixo da qual não havia nada, absolutamente nada». Eram apenas os três, naquela noite carioca da *belle époque*.

E continua o futuro Embaixador e memorialista:

«Fui o único convidado. Horas interessantes! Que espetáculo a conversa das duas celebridades, a mundial e a brasileira! A dançarina exprimia-se num francês beliscado de guturalidades, numa voz — das mais belas que até hoje ouvi — de uma pureza mágica de timbre. Paulo, misturando francês, inglês e português, numa algaravia incrível, mas completamente à vontade, tratava a célebre dançarina, musa do século, como se ela fosse sua irmã e com ela tivesse convivido desde a infância. Por seu lado, a criatura fantástica era a naturalidade mesma».

Depois da ceia, regada a champanhe, a musa já bastante «alta», tomaram os três um carro e partiram para a Cascatinha, na Tijuca. E ali, sob o luar, como se estivesse na própria Grécia, a ninfa dos bosques dançou, com sua transparente túnica escarlate. Estava acometida de uma «espécie de delírio de iniciada nos mistérios pânticos», narra Gilberto, que acrescenta: «Nunca o gênio da intérprete e inventora de ritmos me deu no teatro, depois, em nenhuma das suas criações, sensação igual do seu poder de criar, com o corpo e os pés, a música mesma».

E conclui o autor sergipano: «Descemos ao amanhecer, após haver feito a volta toda da Tijuca, mergulhados os três numa grande sonolência, a dançarina com os cabelos soltos no ombro do jornalista».

Naquela noite fantástica, João do Rio devia ter-se sentido o próprio Dioniso, nos altos do Himeto, diante da divina Afrodite...

\* \* \*

#### LIVROS DE JOÃO DO RIO:

**CRÔNICAS E REPORTAGENS:** As Religiões no Rio, A Alma Encantadora das Ruas, Cinematógrafo, Vida Vertiginosa, Os Dias Passam, Crônicas e Frases de Godofredo de Alencar, Pall-Mall Rio de José Antônio José, No tempo de Wenceslau.

**INQUÉRITOS:** O Momento Literário, Na Conferência da Paz.

**CONTOS:** Dentro da Noite, A Mulher e os Espelhos, Rosário da Ilusão, O Bebê de Tariatana Rosa.

**ROMANCE:** A Correspondência de uma Estação de Cura.

**TEATRO:** A Bela Madame Vargas, Eva.

**CONFERÊNCIAS:** Psicologia Urbana, Sésamo, O Momento de Minas.

**VIAGENS:** Fados, Canções e Danças de Portugal; Portugal d'Agora.